



ESCREVENDO COM A CÂMERA: ANÁLISE DOS ASPECTOS ESTÉTICOS, POLÍTICOS, SOCIAIS E CULTURAIS NO CURTA-METRAGEM/DOCUMENTÁRIO “MULHERES PROIBIDAS DE AMAR”, PRODUZIDO POR ALUNOS DO 3º PERÍODO DO CURSO TÉCNICO INTEGRADO, DO IFPE- CAMPUS RECIFE¹

Maria Eduarda Soares Santos Rodrigues²
Edvânea Maria da Silva³

RESUMO

A presente pesquisa surgiu a partir da produção do documentário *Mulheres proibidas de amar: Uma análise das relações entre a arte e a vida* (2019), produzido por alunos do IFPE, Campus Recife, nas aulas de Literatura, que visava, através da câmera na mão, propor novos modos de discutir os aspectos sociais, políticos e culturais que envolvem determinada categoria de trabalho, mais especificamente, a das integrantes da Associação das Profissionais do Sexo (APPS), da cidade do Recife. Partindo desse prelúdio, o objetivo desta pesquisa foi analisar como o documentário dilata e/ou comprime os elementos constituintes das narrativas, aproximando (ou distanciando) a história de vida das personagens do curta-metragem à das personagens literárias românticas, a saber, *A dama das camélias* (1848), de Alexandre Dumas Filho, e *Lucíola* (1862), de José de Alencar. Em ambas as narrativas literárias, os autores tratam do amor de um rapaz por uma cortesã, buscando alguma relação entre a arte e a vida. Para tanto, além da leitura de textos literários e fílmicos, realizamos um estudo de caso com três mulheres da APPS. Como fundamentação teórica para tal discussão, foram utilizados autores/as como Penafria (1999), Lins (2004) e Xavier (1977; 1983), Abbott (2016) e Cademartori (1990). Por fim, o resultado esperado foi atingido com a elevação do senso crítico não só dos estudantes do curso técnico integrado em Saneamento Ambiental, envolvidos na produção do curta, mas também do nosso próprio senso crítico como alunos-pesquisadores.

Palavras-chave: Cinema. Prostituição. A dama das camélias. Lucíola. Mulheres proibidas de amar.

INTRODUÇÃO

Para Mario Vargas Llosa (2010), a melhor contribuição da literatura ao progresso humano é recordar-nos de que o mundo se acha mal-acabado, de que mentem os que sustentam o contrário e de que poderia ser melhor, mais próximo dos mundos que a nossa imaginação e a nossa palavra são capazes de inventar. Nessa perspectiva, entendemos que a literatura é item de primeiríssima necessidade. Mas não só ela.

A Sétima Arte, de modo análogo, tem mostrado que o mundo anda mal-acabado e que

¹Esse artigo é resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), Campus Recife

²Estudante na modalidade técnico-integrado do Curso de Saneamento Ambiental do IFPE, messr@discente.ifpe.edu.br

³Orientadora pesquisa e professora no IFPE, edvaneamaria@recife.ifpe.edu.br



é preciso (re)inventá-lo a partir de nossa imaginação, para além do que se pode ver. A paridade entre a literatura e o cinema, mais especificamente com o documentário, ocorre porque ambas as expressões artísticas colocam o leitor/espectador no lugar do outro, possibilitando indagações, de modo que a imaginação tenha seu espaço e possa inventar outras formas de vida, a partir de um olhar subjetivo e de uma maneira própria de contar a sua história.

Vale ressaltar que, para realizarmos a análise do documentário, consideramos os aspectos internos e externos que compõem o filme. No que tange a análise interna, é preciso decompor os elementos do campo audiovisual.

É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu”, pois se é tomado pela totalidade. Parte-se, portanto, do texto fílmico para “desconstruí-lo” e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme. (VANOYE; GOLIOT- LÉTÉ, 2002, p.15).

Desconstruímos o documentário em planos, enquadramentos, cenas, e sons para posteriormente ser reconstituído pela compreensão da obra completa. Assim, pudemos ter uma visão da parte por meio do todo, o que faz diferença ao analisar e interpretar determinada obra. No que se refere à análise externa, trouxemos outros métodos, como a pesquisa documental, bibliográfica e a análise das obras românticas: ponto de partida para a construção do documentário.

A primeira, *A Dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho, publicada em 1848, conta a história da elegante cortesã Marguerite Gautier, em meados do século XIX em Paris; a segunda é *Lucíola*, de José de Alencar, publicada em 1862. Esta narrativa se passa no Rio de Janeiro e é narrada por Paulo, personagem que vive um romance com a cortesã Lúcia. A terceira é o documentário *Mulheres proibidas de amar: Uma análise das relações entre a arte e vida* que traz entrevista com três prostitutas na/da cidade do Recife. Procuramos compreender como essas mulheres – personagens (nem sempre fictícias) dessas narrativas – lidam com o julgamento da sociedade oitocentista e atual acerca da prostituição.

Essas questões serviram como ambiente fértil para pensarmos sobre a produção do documentário, citado anteriormente, realizado pelos alunos do curso Técnico Integrado, da turma de Saneamento Ambiental, dentro da disciplina de Língua Portuguesa III, no ano de 2018. O objetivo esperado era aproximar alunos e professora de assuntos que os inquietassem, quer seja do ponto de vista dos aspectos sociais e econômicos, quer seja dos aspectos políticos e culturais. A partir disso, os objetivos propostos e cumpridos foram: Analisar de que maneira os elementos constituintes das narrativas literárias foram traduzidos



e/ou dilatados no documentário; identificar os diversos aspectos dos discursos das integrantes da APPS aproximando-as (ou distanciando-as) das personagens de Dumas Filho e de Alencar; e por fim, verificar como este novo texto artístico contribui para estimular o debate acerca de temas-tabu que se fazem presentes até os dias de hoje.

Convém abrir um parêntese para dizer que a Associação das Profissionais do Sexo (APPS) tem como objetivo, sem fins lucrativos, de “representar as profissionais do sexo no estado de Pernambuco. Lutando pelo reconhecimento da prática da prostituição como direito e sua legalização.” Com início em 2002 e desde então trabalhando na área da educação, saúde e cultura, para conquistar os direitos das profissionais do sexo.

Convém abrir um parêntese, ainda, para esclarecer que nossa pesquisa irá adentrar numa nova fase de investigação acerca da temática da prostituição e da recepção do curta-metragem, através de uma pesquisa qualitativa realizada com alunos do 4º período do técnico integrado, dentro do PIBIC Técnico (2020-2021).

METODOLOGIA

A abordagem de nossa pesquisa é qualitativa, assim, para alcançarmos os objetivos, recorreremos como procedimento ao estudo de caso. A escolha de tal procedimento se deu por entendermos que se trata do “delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos (Yin, 2001)”, conforme defende o autor de *Como elaborar projetos de pesquisa* (GIL, 2002, p. 54).

Convém ressaltar que, antes, realizamos leitura (e análise crítica) de artigos, capítulos de teses e dissertações, e documentários que ajudassem a pensar nosso material em estudo e que possibilitassem compreender como o tema da prostituição foi (e tem sido) tratado durante os mais variados períodos da História. Em seguida, debruçamo-nos sobre as narrativas das integrantes da APPS, a fim de observar que discursos lhes atravessavam as falas e como estas foram traduzidas e/ou dilatadas no documentário, bem como em que aspectos estariam mais próximas (ou distantes) da “realidade” das personagens literárias Marguerite e Lúcia. Na sequência, traçamos paralelos entre as falas destas e daquelas, bem como entre personagens de outros documentários, a exemplo de *Edifício Master*(2002), *As canções*(2011) e *Jogo de cena*(2007), todos de Eduardo Coutinho e realizados a partir de entrevistas com pessoas “comuns”, contando suas histórias, seja por meio de músicas, seja por meio de relatos.



Tal escolha nos ajudou não só a pensar a análise do documentário em partes e em sua completude, mas também colaborou para pensarmos que não nos interessava a veracidade da história, e sim a verdade da filmagem. Na contramão dessa ideia, Dumas Filho faz questão de ressaltar que sua história é totalmente verídica: “Como ainda não tenho idade para inventar, eu me contento em contar. Garanto que todas as personagens desta história são verídicas” (DUMAS FILHO, 1997, p.31). Optamos, entretanto, por seguir o que preceitua Coutinho: não nos preocupar com a genuinidade da narrativa, e sim com a maneira como esta foi reproduzida.

Convém destacar também que a análise do documentário foi feita a partir da explicação de Penafria (2009) sobre como determinados aspectos na narrativa podem ser trabalhados esteticamente. Nesse sentido, dividimos a análise em três momentos: primeiro, optamos por considerar o visual/sonoro, observando a musicalidade que compõe o filme e a posição da câmera em relação ao objeto filmado; no segundo momento, voltamos para o sentido da narração. Nessa parte, interessava-nos saber quem conta a história. Por último, verificamos “qual a posição/ideologia/mensagem do filme/realizador em relação ao(s) tema(s) do filme” (PENAFRIA, 2009, p.9).

É importante ressaltar que a escolha das Praças do Diário e Joaquim Nabuco, ambas localizadas no bairro de Santo Antônio, região central do Recife, para entrevistar as mulheres presentes no curta-metragem, se deu não só por esses espaços serem o seu local de trabalho, o que facilitou o encontro/a conversa com elas, mas também por serem pontos históricos de prostituição na capital pernambucana e que têm acompanhando algumas gerações, a exemplo do que ocorre no Jardim da Luz, ao lado da Pinacoteca de São Paulo, e na Praça da Sé.

Conforme preceitua Ismail Xavier (2003, p. 223), esperávamos que, dentro de diferentes tons e estilos, cada conversa se desse dentro de uma moldura que produzisse “a mistura de espontaneidade e de teatro, de autenticidade e de exibicionismo, de um fazer-se imagem e ser verdadeiro”. Nessa percepção, acreditávamos que o testemunho de nossas entrevistadas sobre suas próprias experiências conseguisse escapar da reprodução de clichês, sendo autênticas em seus discursos, mas que ainda pudessem dialogar com outros relatos, formando histórias singulares e, ao mesmo tempo, compartilhadas por serem similares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O documentário *Mulheres proibidas de amar* objeto de análise desse projeto, evidencia



como temática principal a vida das prostitutas da cidade do Recife. São entrevistadas três mulheres: Sandra, de 62 anos, e Carminha, 54, trabalham na Praça Joaquim Nabuco; Rejane, 52, na Praça do Diário. Foram feitas treze perguntas que buscaram contemplar aspectos sociais, políticos e culturais, e ao longo de toda a curta-metragem podemos observar a resposta de cada uma dessas mulheres.

Por conseguinte, o documentário foi produzido, de modo geral, a partir de cenas e imagens em primeiro plano, que consistem em mostrar a pessoa do busto para cima, o que nos faz perceber melhor as expressões e sentimentos de cada uma dessas mulheres ao responder às perguntas.

Essas imagens do documentário e a narrativa, que as prostitutas nos fornecem, ajudam-nos a entender uma parte de suas histórias, no que acreditam e a maneira como vivem. Contudo, não podemos nos esquecer que essas mulheres estavam enquadradas por câmeras, o que abre espaço para a criação e encenação. Nesse sentido, como afirma João Moreira Salles ao comentar o cinema de Eduardo Coutinho, conhecido por possibilitar esse espaço para os entrevistados contarem a história à sua maneira, a partir da liberdade de criação: “Ninguém está previamente condenado a nada. Todos são livres para não caber nos limites das sínteses” (LINS, 2004, p. 8). Nesse sentido, o que nos importa não é a veracidade dos fatos, e sim o que eles contam. O que importa é analisar essas novas histórias, perceber singularidades que são reveladas em meio a esses depoimentos pseudonaturalistas, ajudando a revelar suas características pessoais.

O documentário inicia com a cena de uma das entrevistadas caminhando. A câmera mostra apenas os passos em plano detalhe e, em seguida, aparece uma frase da escritora e ativista Simone de Beauvoir que diz: “Entre as prostitutas e as que se vendem pelo casamento, a única diferença consiste no preço e na duração do contrato”. Logo em seguida, começam as perguntas. Separamos algumas delas para analisarmos. São elas: “Como a sociedade vê seu trabalho?”; “Como foi a sua infância e quando começou a se prostituir?”; “As pessoas mais próximas sabem da sua profissão?”, e “As mulheres entram nesse meio por necessidade ou opção?”.

Podemos perceber que as respostas dessas mulheres são, em certos aspectos, parecidas; por exemplo, quando perguntadas sobre a infância, como a sociedade vê sua profissão, e se as pessoas mais próximas têm conhecimento, as entrevistadas mostram não se importar com as críticas alheias. Como afirma Sandra, “Só faz criticar e não faz nada por ninguém”; para Rejane: “normal, nem ligo. Eu vivo às minhas custas”, revelando não se incomodar com comentários maldosos. Desse modo, as entrevistadas acabam se revelando um pouco



parecidas com Marguerite, quando a cortesã francesa diz que quer ser livre para fazer tudo que lhe agrade (DUMAS FILHO, p.74).

As entrevistadas relataram, ainda, que algumas das moças que entraram nessa vida fizeram por necessidade; outras, por escolha. Além disso, enquanto “estão novas sempre têm clientes, mas, quando começam a ficar mais velhas, os caras [sic] não têm tanto interesse”.

Essa resposta “conversa” com um trecho da obra *A dama das camélias*:

Deus fora bondoso com a moça, pois não permitiu que chegasse à velhice. A idade costuma ser o castigo das cortesãs. Pois, além de perderem a beleza, frequentemente perdem o dinheiro. E com ele qualquer resto de dignidade (DUMAS FILHO, p.32).

Mostrando-nos semelhanças entre um documentário contemporâneo e a obra oitocentista, reiterando a ideia de que vivem de seu trabalho e não devem nada a ninguém. Assim se apresenta Lúcia na obra de Alencar, “Tu não farás isto, Lúcia! – disse-lhe Paulo...”; “Lúcia ergueu a cabeça com orgulho satânico... saltava sobre a mesa. Arrancando uma palma de um dos jarros de flores...” (ALENCAR, p.44-45), as ações da personagem se alinham às falas das entrevistadas, quando não fazem o que os outros esperam, e sim o que desejam. Dizendo de outro modo, essas mulheres são sujeitos do discurso.

Em adição a essa discussão, a trilha sonora que emoldura o documentário no início e fim, é a música “Folhetim”, composta por Chico Buarque que focaliza a figura da prostituta. Logo na primeira estrofe o eu-lírico diz “sou dessas mulheres”, o que evidencia certo desprezo da sociedade por essa classe de mulheres: as prostitutas. Já na segunda, o eu-lírico se esquece de sua condição de prostituta e romantiza a relação em “uma pedra falsa, um sonho de valsa ou um corte de cetim”; além disso, na primeira estrofe, as expressões “por uma coisa à toa”, “uma noitada boa” e ainda “um cinema ou botequim”, apontam para a aceitação de qualquer mimo que venha do homem amado. Já na última estrofe, a conjunção adversativa “mas” marca o fim do romance, e, antes de ser descartada, ela termina a relação: “já és página virada, descartada de meu folhetim.”

Seria essa uma forma de defesa e de esconder a realidade nada romântica de muitas dessas mulheres? Vejamos: no romance de Dumas Filho, logo após Marguerite deixar Armand, o rapaz revela-se grosseiro ao julgar a mulher amada, sem saber os motivos/ as razões dela para deixá-lo já que o amava e havia abandonado a vida de cortesã.

Se a encontrasse mergulhada na tristeza, talvez a tivesse perdoado. Mas parecia contente. Seu modo de agir ao romper comigo parecia ainda mais sórdido. Resolvi que pagaria por toda a dor que eu sofrera. E tive certeza de que o que mais a magoaria certamente seria a minha indiferença. (DUMAS FILHO, p.120).



No documentário *Edifício Master* (2002), de Eduardo Coutinho, a personagem (entrevistada) Renata afirma que tinha uma estrutura familiar e um pai super protetor e que, mesmo desfrutando de “tudo”, acabou por ter filho aos catorze anos. A partir de sua nova condição de mãe-solteira, começou a trabalhar para conseguir sustentar a si mesma e o seu filho. Segundo a jovem: “Não é um dinheiro fácil [o da prostituição] como o pessoal pensa, porque é muito difícil a gente passa por muita humilhação, escuta o que não quer, e é muito humilhada, isso não é fácil.” Rejane, uma das entrevistadas de *Mulheres proibidas de amar*, afirma que já foi agredida e mostra o queixo quebrado. Outra forma de agressão é quando as pessoas, em sua grande maioria mulheres, transeuntes da Pracinha Joaquim Nabuco, dizem-lhes para “fazer uma lavagem de roupa”⁴, segundo Carminha, mostrando o quanto ainda é comum, no dia a dia, o desrespeito com essas mulheres.

Mulheres proibidas de amar teve como instrumento de comparação as entrevistas que poderiam corroborar as obras literárias oitocentistas, ou delas discordar, no que se refere à vida social e pessoal de uma cortesã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita com a câmera se refere à passagem dos textos literários para o audiovisual, através da criação do documentário. Essa pesquisa teve o intuito de fazer uma denúncia dos problemas sociais, através de um processo criativo: produção de um curta-metragem/documentário a partir da adaptação de obras literárias para enriquecer o projeto e gerar um resultado de maior qualidade estética diante dessa experiência.

O gênero documentário se dedica a trazer novos olhares para o mundo e se reinventa cada vez que um novo documentário é produzido, ele se encontra sempre em (re)formação, a partir da construção de novos olhares e ressignificação de estereótipos, por manifestar um entendimento em cada telespectador e por discutir diversos pontos de vista. O ato de documentar foge ao óbvio, leva a pensamentos diversos e a modos diversos de perceber/construir o mundo.

Mulheres proibidas de amar “se dedica a não inventar. Ele acaba por expressar na seleção e na organização de seus achados” (BARNOUW, 1974). Nessa perspectiva, o documentário apresenta as falas das entrevistadas sem dilatar e/ou comprimir a mensagem que elas queriam passar, fazendo comparações entre os textos narrativos ficcionais e a realidade. Podemos constatar que, durante todo o processo, não importou a veracidade, e sim

⁴O dito popular é “arrumar uma lavagem de roupa”.



o discurso, a criação de histórias ou a sua remodelação, conforme já discutimos anteriormente. Constatamos também que simples conversas não resultarão apenas em simples relatos, pois poderá haver algo por trás de toda história contada, mostrando as habilidades performáticas, expressivas e fabuladoras destas mulheres, independente do contexto social em que vivem e que as obras oitocentistas podem se assemelhar, em alguns aspectos, às histórias contadas pelas prostitutas, em pleno século XXI.

Essa atividade (o documentário), feita com (e pelos) os estudantes, tinha como objetivo aproximar/comparar o universo das personagens da estética romântica com uma realidade que inquietasse esses mesmos alunos, sem querer idealizar uma imagem das personagens do documentário, similar às mulheres de papel (personagens), apresentando as obras apenas como meio de inspiração para criar o curta-metragem. Além disso, havia, por parte do professor, o propósito de despertar uma postura ativa/criativa nos alunos capazes de apontar problemas sociais e debatê-los a fim de achar a raiz deles e propor soluções.

Os alunos-criadores afirmaram, em uma conversa, que tal projeto/atividade despertou-lhes uma maior vontade de participar das aulas, pois estas fugiam dos métodos tradicionais de estudar literatura e que se perceberam mais ativos no processo de ensino-aprendizado e participaram mais dele, absorvendo mais conteúdos do que habitualmente ocorria.

Isso posto, observamos que os resultados encontrados têm mostrado a relevância e atualidade desse debate na sala de aula, que tem promovido a elevação do senso crítico não só dos estudantes do curso técnico integrado em Saneamento Ambiental, mas também para elevação do nosso próprio senso crítico como alunos-pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, Elizabeth. **Amantes**: uma história da outra. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2016.

ALENCAR, José de. *Lucíola*. 12ª ed., São Paulo: Ática, 1988. (Bom Livro)

AS CANÇÕES. Direção de Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro, 2011. Documentário, (91 min.).

Associação das profissionais do sexo de Pernambuco (APP). **Fundo Brasil**. 2013. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/associacao-das-profissionais-do-sexo-de-pernambuco-app-pe/>, acesso em: 24/09/2020.

BARNOUW, Eric. Documentary: A history of the Non-Fiction Film, 1974.

BUARQUE, Chico. **Folhetim**. Rio de Janeiro: Polygram/Philips: 1978. Disponível em: <https://youtu.be/16BtVBU0Zkw>, acesso em 30 jun. 2020, (2:27 min.).

CADEMARTORI, L. **Períodos literários**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1990.



DUMAS FILHO, Alexandre. **A Dama das Camélias**. Prefácio de Alfredo Mesquita. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

EDIFÍCIO master. Direção de Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro, 2002. Documentário, (110 min.).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JOGO de cena. Direção de Eduardo Coutinho. Mato Grosso do Sul, 2007. Documentário, (105.).

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**. Televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Jorge Zabar, 2004.

MULHERES proibidas de amar. Direção: Helena Beatriz Cavalcante, João Victor Arruda e Maria Eduarda Rodrigues. Roteiro: Helena Beatriz Cavalcante e Maria Eduarda Rodrigues, 2019, 8min, son., color.. Disponível em: <https://youtu.be/YnAOhl-2CYY> Acesso em: 20 abr. 2020.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: história, identidade, tecnologia**. Lisboa: Editora Cosmos, 1999.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre análise fílmica**. Tradução: Marina Appenzeller. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 2002.

VARGAS LLOSA, Mario. Em defesa do romance. In: **RevistaPiauí**. N. 37. Out. 2010, p. 64-69. Disponível em: http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao_37/artigo_1159/Em_defesa_do_romance.aspx. Acesso em: 17/02/2020.

XAVIER, Ismail. Indagações em torno de Eduardo Coutinho e seu diálogo com a tradição moderna. **Revista Cinemas**. Rio de Janeiro, n.36, Editora Aeroplano, 2003.